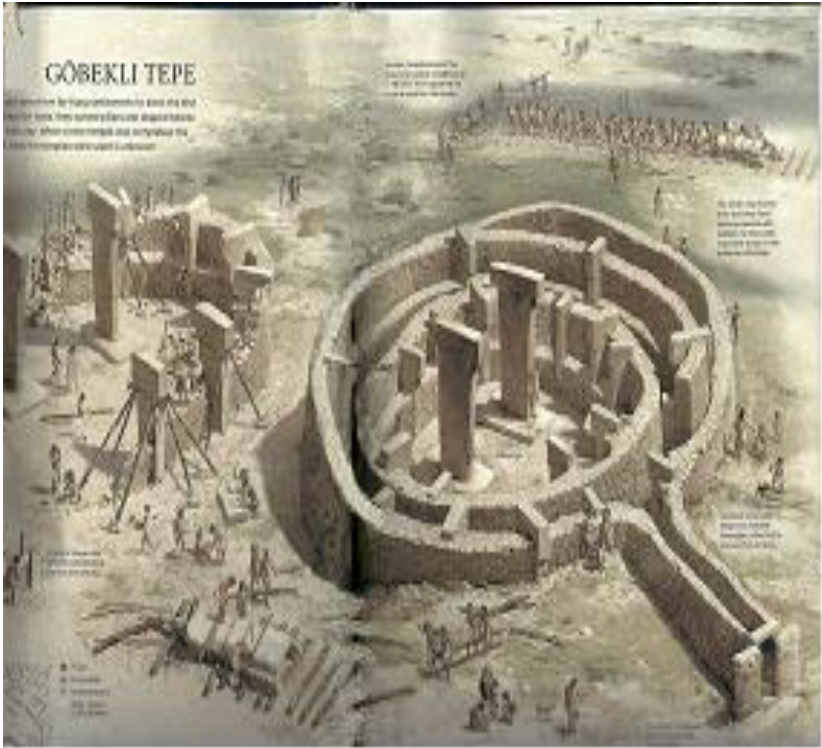


SOBRE O DIA EM SANSÃO MORREU
SOBRE DALILA



Certo mistério escondido nos escombros do templo de Dagon.

Wellington Corporation





Tranças de mulheres da Namíbia

Wellington Corporation



Moeda de 1100 anos antes de Cristo. O professor Shlomo Bunimovitz e o doutor Zvi Lederman, da Universidade de Tel Aviv, coordenam uma equipe que está escavando o "tel" de Beit Shemesh, nas colinas da Judeia, próximo a Jerusalém. Eles encontraram um pequeno "selo" de pedra circular, com menos de uma polegada de diâmetro, que retrata um homem com cabelo comprido lutando contra uma figura felina.



⁴ Depois dessas coisas, ele se apaixonou por uma mulher do vale de Soreque, chamada Dalila. ⁵ Os líderes dos filisteus foram dizer a ela: "Veja se você consegue induzi-lo a mostrar-lhe o segredo da sua grande força e como poderemos dominá-lo, para que o amarramos e o subjuguemos. Cada um de nós dará a você treze quilos de prata". ⁶ Disse, pois, Dalila a Sansão: "Conte-me, por favor, de onde vem a sua grande força e como você pode ser amarrado e subjugado". ⁷ Respondeu-lhe Sansão: "Se alguém me amarrar com sete tiras de couro ainda úmidas, ficarei tão fraco quanto qualquer outro homem".

⁸ Então os líderes dos filisteus trouxeram a ela sete tiras de couro ainda úmidas, e Dalila o amarrou com elas. ⁹ Tendo homens escondidos no quarto, ela o chamou: "Sansão, os filisteus o estão atacando! " Mas ele arreventou as tiras de couro como se fossem um fio de estopa que chega perto do fogo. Assim, não se descobriu de onde vinha a sua força.

¹⁰ Disse Dalila a Sansão: "Você me fez de bobá; mentiu para mim! Agora conte-me, por favor, como você pode ser amarrado". ¹¹ Ele disse: "Se me amarrarem firmemente com cordas que nunca tenham sido usadas, ficarei tão fraco quanto qualquer outro homem".

¹² Dalila o amarrou com cordas novas. Depois, tendo homens escondidos no quarto, ela o chamou: "Sansão, os filisteus o estão atacando! " Mas ele arrebentou as cordas de seus braços como se fossem uma linha. ¹³

Disse Dalila a Sansão: "Até agora você me fez de boba e mentiu para mim. Diga-me como pode ser amarrado". Ele respondeu: "Se você tecer num pano as sete tranças da minha cabeça e o prender com uma lançadeira, ficarei tão fraco quanto qualquer outro homem". Assim, quando ele dormia, Dalila teceu as sete tranças da sua cabeça num pano

¹⁴ e o prendeu com a lançadeira. Novamente ela o chamou: "Sansão, os filisteus estão vindo sobre você! " Ele despertou do sono e arrancou a lançadeira e o tear, junto com os fios do tear.

¹⁵ Então ela lhe disse: "Como você pode dizer que me ama, se não confia em mim? Esta é a terceira vez que você me fez de boba e não contou o segredo da sua grande força".

¹⁶ Importunando-o o tempo todo, ela o esgotava dia após dia, ficando ele a ponto de morrer.

¹⁷ Por isso ele lhe contou o segredo: "Jamais se passou navalha em minha cabeça", disse ele, "pois sou nazireu, desde o ventre materno. Se fosse rapado o cabelo da minha cabeça, a minha força se afastaria de mim, e eu ficaria tão fraco quanto qualquer outro homem". ¹⁸ Quando Dalila viu que Sansão lhe tinha contado todo o segredo, enviou esta mensagem aos líderes dos filisteus: "Subam mais esta vez; pois ele me contou todo o segredo". Os líderes dos filisteus voltaram a ela levando a prata.

¹⁹ Fazendo-o dormir no seu colo, ela chamou um homem para cortar as sete tranças do cabelo dele, e assim começou a subjugar-lo. E a sua força o deixou.

²⁰ Então ela chamou: "Sansão, os filisteus o estão atacando! " Ele acordou do sono e pensou: "Sairei como antes e me livrarei". Mas não sabia que o Senhor o tinha deixado.

²¹ Os filisteus o prenderam, furaram os seus olhos e o levaram para Gaza. Prenderam-no com algemas de bronze, e o puseram a girar um moinho na prisão. ²² Mas, logo o cabelo da sua cabeça começou a crescer de novo.

²³ Então os líderes dos filisteus se reuniram para oferecer um grande sacrifício a seu deus Dagom e para festejar, comemorando: "O nosso deus entregou o nosso inimigo Sansão em nossas mãos".

²⁴ Quando o povo o viu, louvou o seu deus: "O nosso deus nos entregou o nosso inimigo, o devastador da nossa terra, aquele que multiplicava os nossos mortos".

²⁵ Com o coração cheio de alegria, gritaram: "Tragam-nos Sansão para nos divertir! " E mandaram trazer Sansão da prisão, e ele os divertia. Quando o puseram entre as colunas, ²⁶ Sansão disse ao jovem que o guiava pela mão: "Ponha-me onde eu possa apalpar as colunas que sustentam o templo, para que eu me apóie nelas".



Daniel A. Diner

²⁷ Homens e mulheres lotavam o templo; todos os líderes dos filisteus estavam presentes, e no alto, na galeria, havia cerca de três mil homens e mulheres vendo Sansão, que os divertia.

²⁸ E Sansão orou ao Senhor: "Ó Soberano Senhor, lembra-te de mim! Ó Deus, eu te suplico, dá-me forças, mais uma vez, e faz com que eu me vingue dos filisteus por causa dos meus dois olhos! "

²⁹ Então Sansão forçou as duas colunas centrais sobre as quais o templo se firmava. Apoiando-se nelas, tendo a mão direita numa coluna e a esquerda na outra,

³⁰ disse: "Que eu morra com os filisteus! " Então, ele as empurrou com toda a força, e o templo desabou sobre os líderes e sobre todo o povo que ali estava. Assim, na sua morte, Sansão matou mais homens do que em toda a sua vida.

[Juízes 16:18-31](#)

Porque o Espírito de Deus manifestou poder a um homem, sabendo que sua resposta acarretaria a morte dele?

Essa pergunta que vem a mente sobre o "suicídio" presumido de Sansão "atormenta" aos ouvintes desde que ela foi contada pela primeira vez.

Muitos poderiam recitar de cor cada um dos estratagemas de Dalila até que Sansão confessasse a fonte de sua força sobrenatural, todos sabem de cor sobre a perda de sua visão na captura pelos soldados filisteus. E todos compreendem que a manifestação final de seu poder o levou a morte. Mas as questões que são levantadas a partir daí são quase tão enigmáticas quanto a própria narrativa do mais fabuloso herói que a antiguidade nos legou. Os feitos de Sansão são tão lendários e míticos que ele é mencionado como uma fábula até por escritores de teologia. Ele é relido como uma narrativa heroica, como um drama grego, um épico babilônico, como um enxerto das míticas histórias do Mahabharata. Contudo, Sansão não é um conto literário de algum poeta da antiguidade, não é produto de uma fábula antiga, sua história não tem origem em canções sobre o heroísmo, ele é um personagem histórico dentro do contexto de onde o incomum é praxe, onde o sobrenatural, mora ao lado.

Sansão faz parte de um livro que **contém profecias**. Que contém **operações angelicais**. Que contém histórias sobre apostasia tão fantásticas, que chegam a ser hilárias (Juízes 17). Tão vergonhosas para um sacerdócio instituído e vigente, *que se não fossem verdadeiras* não seriam unidas as crônicas da história de uma nação.

Um dos mais profundos livros do Novo Testamento é o livro de Hebreus, Sansão é mencionado num texto sobre fé pelo escritor do livro de Hebreus.

E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, e de Davi, e de Samuel e dos profetas,

[Hebreus 11:32](#)

Quem escreveu o livro de Hebreus é detentor de revelações espirituais tão surpreendentes, que ele decide não tratar de determinados assuntos, por não ter o tempo necessário para expô-las de modo conveniente.

E sobre a arca os querubins da glória, que faziam sombra no propiciatório; das quais coisas não falaremos agora particularmente.

[Hebreus 9:5](#)

A única definição sobre o significado de FÉ que existe na terra foi-nos concedida pelo livro de Hebreus e é ele que fala a respeito da VERACIDADE de Sansão. A posição de um homem com tamanha autoridade e conhecimento espiritual, o escritor de Hebreus, é mais relevante que toda a opinião da crítica literária, textual, que toda a opinião intelectual vigente sobre o assunto. O acadêmico classifica a Sansão como lenda. Porém o mundo intelectual não tem nenhuma autoridade ou competência para falar de coisas espirituais, sua incredulidade os torna NULOS na análise de coisas espirituais. A FÉ não pede licença e nem concessão ao academicismo. Mas, agradece aos trabalhos acadêmicos em os quais não poderíamos compreender a beleza da história e a confirmação dos fatos bíblicos narrados.

A ORIGEM DOS FILISTEUS

Graças ao enciclopedista francês Dom Calmet temos uma visão da origem dos filisteus - As únicas pistas que encontrou foram referências a eles como habitantes de uma misteriosa ilha chamada Caphtor ou ainda como integrantes da desconhecida nação dos ceretitas. Uma barreira aparentemente intransponível, não fosse uma pista reveladora. Consultando uma versão da Bíblia em grego do século II a.C., feita em Alexandria, no Egito, Calmet viu que nação dos ceretitas tinha sido traduzida como nação dos cretenses. Seriam os filisteus cretenses? Mais tarde, ele achou uma confirmação valiosa de sua desconfiança em documentos bizantinos do século VI: neles, Gaza, um dos grandes centros filisteus, era chamada Minoa em homenagem ao rei Minos de Creta, que teria visitado a cidade e lhe dera seu nome. Quando publicou, em 1720, sua enciclopédia, Calmet já não tinha mais nenhum tipo de dúvida: Caphtor virou Creta e os filisteus foram apresentados como imigrantes cretenses em Canaã.

E, novamente por obra dos franceses, na famosa excursão de Napoleão Bonaparte ao Egito, em 1798, a mesma que levou para a Europa a Pedra da Roseta usada por Jean-François Champollion para decifrar os hieróglifos. Impressionado com um mural esculpido nas paredes de um templo no sul do Egito, um artista chamado Dominique Vivant Donon resolveu reproduzir suas cenas: batalhas em terra e no mar entre egípcios e um estranho povo com cocares de penas; pelejas que durante muito tempo se acreditou serem parte de uma campanha do faraó Sesóstris na Índia, no século XX a.C.

Em 1829, Champollion em pessoa enterraria essa versão durante sua visita ao templo, chamado Medinet Habu, quando traduziu uma palavra-chave que mudou totalmente a história daqueles desenhos: filisteus. Os relevos de Tebas não tinham nada a ver com Sesóstris ou a Índia, mas, sim, retratavam a vitória, cerca de 800 anos depois, de Ramsés III contra uma tentativa de invasão dos chamados Povos do Mar, guerreiros provenientes do Mar Egeu. Entre eles, os filisteus.



Nas paredes construídas por Ramsés III, hieroglifos recontam as disputas do século XII a.C.

Em Medinet Habu, o faraó perpetuou sua suposta vitória sobre os povos do mar.

É quase certo que os Povos do Mar lutaram como aliados dos troianos e foram obrigados a fugir com a vitória dos atenienses e espartanos, novos senhores da Grécia e do Egeu, que ergueram seus domínios sobre as cinzas de potências micênicas como Creta, Chipre, Tróia e Micenas.

O poder militar e econômico de suas cidades, Ascalon, Gaza, Asdod, Gate e Ecron, era incontestável, assim como sua cultura, que aos poucos deixou de lado a reprodução da arte micênica para se tornar uma espécie de amálgama cultural com as mais variadas influências. A cerâmica foi abandonando o estilo típico dos egeus para ganhar personalidade própria. As covas coletivas também foram deixadas de lado, substituídas pelos enterros individuais em esquifes de barro inspirados nos sarcófagos egípcios. Em Ecron, por exemplo, descoberta na década de 80 pela arqueóloga israelense Trude Dothan, enquanto as residências mais antigas ainda guardavam o hábito de construir grandes círculos no meio dos salões, uma espécie de lareira central cultivada em palácios micênicos, nas construções mais novas eles foram descartados.

Engenharia

Os Filisteus destacaram-se na arte da construção naval, introduzindo grandes inovações tais como a âncora de pedra com braços de madeira, a vela móvel para as embarcações e o cesto da gávea.

Arquitetura

A arquitetura também pôde se beneficiar: até então, a construção fazia uso apenas de pedras brutas e tijolos. Os povos do mar trouxeram a técnica de esculpir grandes blocos rochosos. Além disso, desenvolveram e aperfeiçoaram o processamento de metais.

Indústria

Tinham uma grande força econômica: em quase todos os seus centros urbanos, restos de inúmeras oficinas denunciam uma atividade incessante.

Pequenas confecções e tinturarias foram encontradas em quantidade. Sua indústria cerâmica, capaz de criar peças sofisticadas, enfeitadas com desenhos de espirais, pássaros, animais e homens marcas registradas da cultura micênica, contrastava com a humilde arte dos israelitas, que na época ainda produziam vasos de barro cru. A fama de sua metalurgia, que os próprios textos bíblicos registram, também não era gratuita: forjas de bronze e adagas finamente acabadas, com cabo de marfim, fazem parte de seu legado.

Em XI a.C., as cidades filistéias floresceram e destacavam-se pelos espaços amplos e pelas generosas construções. Os templos, erguidos em veneração a Dagan, impressionavam pela vastidão de suas galerias, cujas pilastras sustentavam tetos semiabertos. Em seu interior, ardiam fogos sagrados, e altares móveis, nichos e plataformas de oração guarneciam os locais de culto. Em Ashcalon, vinhos exóticos eram produzidos e exportados. Numerosas garrafas foram desenterradas no local, comprovando que os habitantes dessa cidade gostavam de consumir a bebida, além da tradicional cerveja. Ecron, por sua vez, alcançou fama nacional e talvez até internacional pela produção de outro líquido precioso: o óleo de oliva, que se destacou na época pela excepcional qualidade. As instalações para produzir azeite de oliva eram tão grandes que, pelos cálculos dos estudiosos, a produção média devia ultrapassar 1 milhão de litros por ano, um quinto do que Israel exporta atualmente.

Disse, pois, o filisteu a Davi: Sou eu algum cão, para tu vires a mim com paus? E o filisteu pelos **seus deuses amaldiçoou** a Davi.

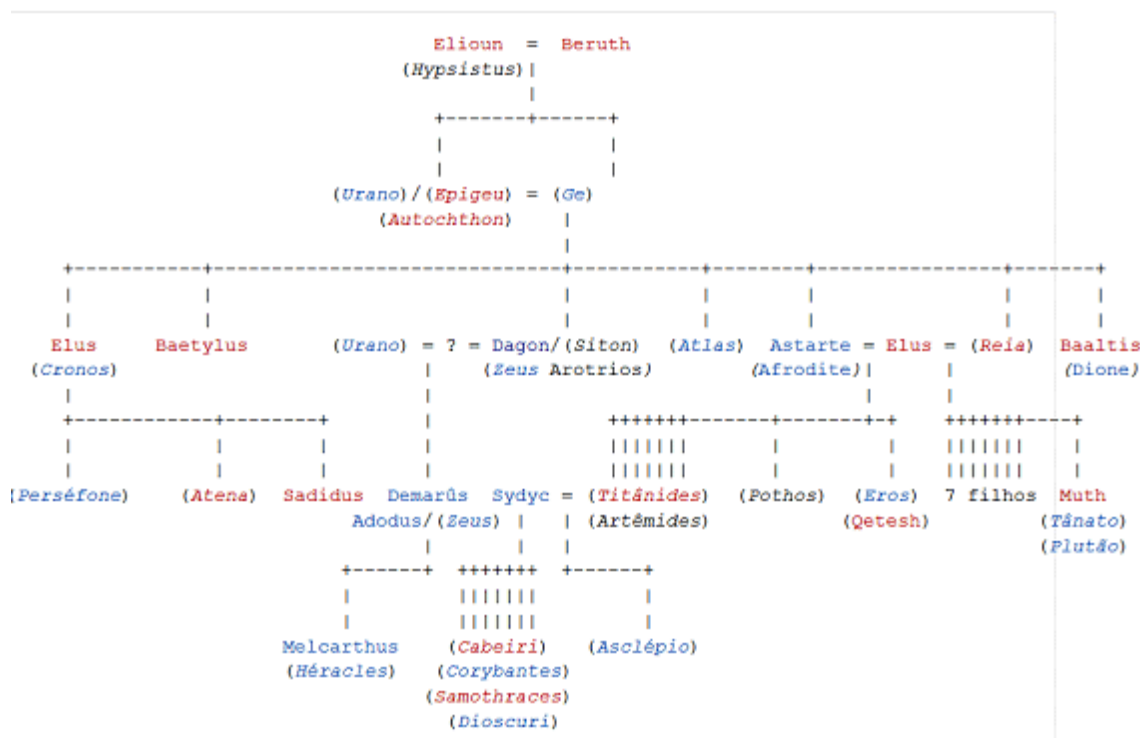
[1 Samuel 17:43](#)

A RELIGIÃO FILISTÉIA

DAGON

Dagon era a divindade protetora dos navegantes, dos marinheiros, a deidade máxima dos filisteus que habitavam as cidades costeiras da palestina. Gaza era uma cidade com um porto, limítrofes ao mar mediterrâneo.

Os Filisteus eram originalmente devotos da Grande Mãe, ou rainha dos céus, porém adotaram o culto de Dagon após a invasão de Canaan em 1137 aC. No panteão cananita, Dagon era o pai de Baal e só estava abaixo de El, o Deus Supremo daquele povo. Há registros de seu nome datando da terceira dinastia de Ur, cerca de 25 séculos antes de Cristo.



Dagon — Peixinho; diminutivo de dag = peixe, o deus-peixe; esse ídolo tinha o corpo de um peixe, a cabeça e os braços de um homem. Era uma deidade assíria-babilônia. Dagon, provavelmente teve origem nas cidades costeiras e nos povos marítimos, sendo posteriormente Importado por Babilônia, a cidade dos mil-deuses.

Dagon representava a fertilidade, e a abundância na pesca. Poderiam suprir seu povo com ouro e gemas preciosas, além de garantir fartura em sua principal atividade: A pesca. Em troca, sacrifícios humanos eram oferecidos de tempos em tempos aos "Profundos", em nome de Dagon. Para veneração a Dagon, templos eram erguidos e impressionavam pela vastidão de suas galerias, cujas pilastras sustentavam, como já falado anteriormente, tetos semiabertos. Em seu interior, ardiavam fogos sagrados, e altares móveis, nichos e plataformas de oração

guarneciam os locais de culto. Havia templos consagrados ao deus Dagon em Gaza e Asdode

Dagon



Esse mesmo "deus" e seus templos de adoração são referenciados por diversas vezes no Antigo Testamento, em trechos de José e Samuel. O evento mais conhecido nas escrituras, é a destruição de um de seus templos por Sansão, em seu último ato.



Sacerdote de Dagon vestido com uma mitra espargindo água benta com uma mão e segurando uma vasilha de água na outra.

Os seus principais deuses eram Dagon, Baal-Zebub e Astarote. Os filisteus não veneravam um único deus patriarcal antes, a uma grande quantidade de deuses e deusas.

Dagon era denominado **Senhor dos deuses e Senhor da terra**. Na mitologia cananéia ele era filho de El e pai de Baal. Na cidade de Ebla seu nome constava de uma lista a frente de 200 divindades. Antigo tratado de um fenício conhecido como Sarkonian (Sanchuniathon), conta-nos como era a Cosmogonia dos fenícios e dos filisteus, similar a dos gregos. Na sua visão da criação do mundo estão Cronos, estão os titãs, e um panteão muito similar ao do Olimpo.

Dagon é muito próximo à visão grega de Poseidon ou de Tritão (filho de Poseidon).





Assim como Basílio II faz com os búlgaros derrotados, é aplicada a Sansão uma cruel punição. No fim de sua vida formidável, Sansão foi arrastado cego, prisioneiro, até a cidade de Gaza.

Não sem antes tornar por mais de vinte anos a vida dos filisteus um inferno na terra. Para um guerreiro a cegueira é pior que a morte, porque lhe inviabiliza a capacidade de continuar lutando, torna-o indefeso. Tornaram indefeso ao mais poderoso homem que já existiu, ao mais imbatível de todos os soldados, já adiantando o expediente do texto.

A cidade de Gaza é uma das cinco capitais da pentatópole filisteia. O tratamento que é dado a ele na cadeia é propositalmente humilhante. Durante sua longa

estadia na prisão ele é diariamente amarrado a uma moenda como se fosse um animal de carga e açoitado para fazer a moenda girar.

Por cerca de 20 anos os filisteus procuraram de todos os meios capturá-lo. Centenas de tentativas foram feitas, em vão. A maior chance que tiveram foi em uma de suas cidades fortificadas, local onde sofreram **a sua mais vergonhosa derrota.**



O titã foi cercado contra os gigantescos portões trancados da cidade-fortaleza e arrancando seus portões, saiu da cidade. Não somente os arrancou como os carregou sobre os ombros, equilibrando portas de madeira de mais de duas toneladas. Não satisfeito correu com elas. Não num terreno qualquer. Num acíbe. O homem-impossível arrancou portas gigantescas destruindo trancas que se engastavam em muros de pedra, roubou as portas da cidadela e as arrastou com ele por dezenas de quilômetros. Até um monte a cerca de 60 km da cidade, que ficava na frente do Hebron. Numa subida de pelo menos 600 metros. Era impossível chegar ali com tal carregamento e Sansão as colocou lá, sabendo que seria impossível resgatá-las. Não havia engenharia filisteia capaz de realizar um

plano que viabilizasse com a tecnologia e os recursos da época a retirada dos portões do cume do monte onde foram colocadas. Não se sabe a exata localização deste monte e nem quantos anos as portas ficaram ali expostas. A dimensão da ofensa cometida contra a cidade-fortaleza, sede do maior templo de Dagon, que era o protetor da cidade, não poderia ser descrita em palavras. As portas ao serem erguidas passavam por um ritual de consagração, um ritual mágico para garantir ainda mais sua proteção. Eram guarnecidas de dia e de noite por guardas armados. E ainda assim foram sumariamente arrancadas a vista da divindade protetora da cidade.

Então podemos ponderar a respeito da ira que os filisteus possuíam contra aquele irritante soldado. E do mistério que o cercava, do enigma que representava. Ele excitava a imaginação de todos, e por mais que tivessem origem numa civilização avançada para a época, não conseguiam **decifrar o maior enigma de todos**, o que concedia a um ser humano tamanho poder. Por vinte anos imaginamos que esse questionamento foi levantado inúmeras vezes e depois de centenas de ataques frustrados poderíamos supor que os filisteus compreendessem uma virtual invencibilidade. Porém, o ódio os incitava a continuar buscar uma solução e se a força não era capaz de contrapor uma resposta, quem sabe a sutileza, a armadilha da sedução. Dalila é a chave para decifrar o enigma, e compreender a convicção de que tinham chegado a resolução do problema é outra grande questão. Quando Dalila afirma que seu grandioso segredo havia sido revelado, os filisteus não excitam. Sua religiosidade que os aproximava do futuro panteão grego, assim como sua mitologia os faziam compreender o significado de SAGRADO. E, sobretudo do VOTO. O conceito de SANTIDADE não lhe era estranho, e a afirmação de que um PACTO havia sido selado entre um ser humano e uma divindade, através de um voto sagrado, o nazireado, era aos seus olhos perfeitamente FACTIVEL. Compreenderam que o VOTO aos seus olhos MÁGICO concedia-lhe o PODER sobrenatural, que havia a PROTEÇÃO divina continua, que ele havia sido SELADO ou estava sobre um tipo de FEITIÇO ou ORDENAÇÃO que lhe concedia sua força. Compreenderam que se a deidade que o fortalecia fosse afastada, Sansão não

teria mais poder. Entenderam que ao realizar o ato de destruir o voto, a promessa, a ligação sagrada seria quebrada e ele estaria não mais debaixo da benevolência da sua deidade, e sim debaixo da ira. A religião filisteia e a do mundo da antiguidade criam em APAZIGUAR as divindades, em aplacar sua cólera, em desviar sua ira, para que estas não trouxessem maldições ou o mal sobre o ser humano. As práticas de culto e suas abluções, holocaustos e oferendas eram OBRIGAÇÕES ritualísticas, eram necessárias para impedir que os seus deuses PROTETORES não se virassem contra eles. Muitos ritos da antiguidade eram feitos a deuses cuja índole era imprevisível. O conceito do voto sagrado, da obrigação divina era-lhes bem conhecida. Não compreendiam a complexidade do voto do nazireado, ou a SOFISTICAÇÃO do culto hebreu, entretanto o relato de Dalila é o suficiente para lhes conceder CERTEZA de que somente este ATO, o ato revelado de cortar o cabelo, era suficiente para DESTRUIR o ELO entre Sansão e Jeová. Um dos detalhes que fortalecia tal convicção é o importante detalhe de que sansão JAMAIS havia cortado seu cabelo. Era de nascimento, uma marca que trazia desde o encontro sobrenatural de sua mãe com o enviado ou emissário divino que lhe concedeu a profecia. Dalila ouviu outras coisas além das resumidas no relato de Sansão. O Cronista do livro de Juízes resume a história, é contido nas palavras, o ROMANCE ainda não existia como forma de literatura na época de Sansão. Se fosse contada por irlandeses a narrativa seria enorme (O mundo e suas criaturas- uma antologia do conto Irlandes). Dalila concedeu detalhes que considerou originais o suficiente, familiares, para que cresse no testemunho de Sansão. Os filisteus compreenderam que se quebrassem algo que estava ligada a sua geração, ao seu nascimento, não haveria retorno. Eles criam que era CABAL, finalístico, incontornável, irremediável. E quando realizaram a armadilha final tinham absoluta certeza da vitória, não somente da vitória, **só que para sua desgraça**, da PERPETUIDADE da mesma. Entenderam que a quebra do voto era uma ofensa que não teria perdão, não havendo chance de um retorno à condição anterior. Por precaução, porém eles também tornam a Sansão inválido. Poderiam ter morto ele neste exato instante, entretanto sua PRESUNÇÃO não o permitiu. Compreendiam que, sem a proteção, sem a herança divina e sem sua visão, Sansão se tornaria um inútil. Além do mais não queriam simplesmente capturar

a ele. Por vinte anos uma nação e seus deuses foram HUMILHADOS por um único ser humano.

As vitórias de Sansão repercutiam sobre toda a clã de divindades filisteias. Os deuses de seus antepassados, os novos deuses de Canã e sua maior divindade, Dagon, não foram, ao menos, por vinte anos, suficientes para parar aquele semideus. São inúmeros santuários e centenas de sacerdotes espalhados em centenas de povoados e cinco grandes cidades. Em cada outeiro e monte das terras dos filisteus, em cada porto, em cada rio e lago, debaixo de cada árvore sagrada, sacerdotes e sacerdotisas se ajoelharam pedindo a intervenção divina para destruir aquele hebreu. Milhares de rituais, vítimas sacrificadas, e maldições imprecadas, além de rituais de magia antiga, não fizeram sobre ele efeito algum. Podemos entender que crianças haviam sido sacrificadas a Baal, uma de suas deidades, para que Sansão fosse vencido. Podemos compreender a revolta ao capturarem ao colosso. E a vitória sobre Sansão adquiria um contorno trágico ainda maior, porque não fora vencido em combate, fora vencido por uma mulher. Todos sabiam que a história de sua queda passava necessariamente pelo charme da Mata Hari da antiguidade. Que não se importou em viver como amante de um inimigo e que o amor a "prata", a ambição ao dinheiro, era maior que o risco assumido de tentar enganar o mais poderoso homem que o mundo conheceu. São cerca de vinte anos que os filisteus gastaram para produzir a "arma perfeita", na verdade o fruto de milhares de "intercessões" à antigas divindades. Fruto da teimosa oração a incontáveis castas de demônios. Sansão possui cerca de 50 anos quando foi confrontado com a "armadilha final" e Dalila deveria ter aproximadamente 20 anos. O que nos leva ao voltar 20 anos no tempo da palestina (phalestine), que um sai assim será nomeada justamente em razão da filistia (Philistine), e contemplar inúmeras fazendas incendiadas por um bando de raposas desnorteadas. E a economia de uma nação inteira arrasada. Para sobreviverem naquele ano os filisteus necessitaram de enormes gastos com importação de trigo e cevada. Culpa de Sansão. Na tentativa de capturá-lo findou uma geração de guerreiros. Uma ofensa para uma nação cuja cultura era muito influenciada pela guerra, desde seu nascimento em TRÓIA. Nessa mesma época morria assassinada a bela esposa filisteia de Sansão, cuja índole e personalidade

eram incrivelmente semelhante a de Dalila. Dalila cresceu na esfera de contínuas derrotas contra Sansão. Talvez seus pais tivessem pertencido a uma das fazendas que teve suas plantações devastadas, ou a filha de um guerreiro morto e empilhado na humilhante derrota para somente um homem. O modo com que ela age, sua frieza, demonstra um profundo rancor, um ódio disfarçável em gestos, não na atitude, para com Sansão. Possivelmente Dalila fosse uma sacerdotisa de Dagon, uma prostituta cultual enviada com numa "missão sagrada", *consagrada para desconsagrar ao consagrado*, se é que me fiz entender. O fato de Sansão ser derrotado por uma mulher acrescia mais juras a sua derrota. Na antiguidade era vergonhoso para um guerreiro morrer ou ser vencido por uma mulher. E graças a uma mulher o maior soldado hebreu fora vencido e capturado. Um prisioneiro de guerra para o qual os filisteus não aceitaram e nem cogitaram o resgate. É importante compreender o mundo espiritual paralelo ao que Sansão viveu, na esfera espiritual da antiguidade e o significado do miraculoso em sua vida completamente errada. A força gigantesca que manifestava não dependia de uma meditação profunda, de um estado de estase, de uma noite de vigília, de jejuns, de qualquer tipo de oração. Somente duas vezes em toda a narrativa leremos que Sansão intercedeu, ou orou. Um "consagrado" era, acima de tudo, um servo, um escravo de uma obrigação divina, Apesar de Sansão agir como dono de si mesmo, por toda sua vida. *Sansão administrou por si próprio, até certo ponto, ao miraculoso*. Ele escolhia quando e onde usar os dons inefáveis, ao poder nele depositado por herança celestial.

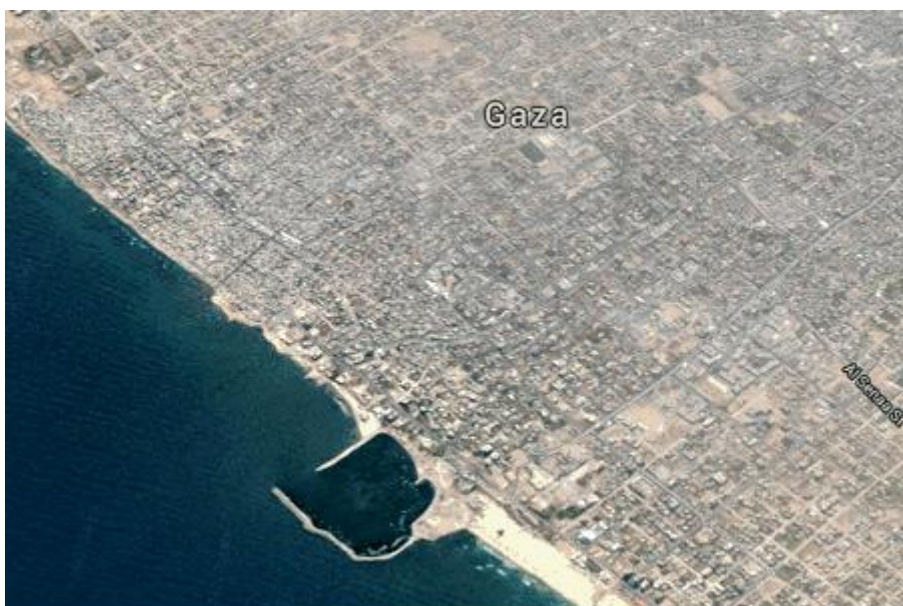
O poder que nele havia lhe concedia incomum inteligência. O Espírito atuava sobre Sansão concedendo-lhe estratégias brilhantes. Sansão criou um enigma a partir de um acontecimento. Com quase nenhum recurso invalidou a agroindústria de uma nação. Modernamente feito semelhante demandaria centenas de milhões de dólares em gastos militares e anos de preparação. Sua inteligência o protegeu por vinte anos. Até que seus sentimentos o traíram.

Dentro do arcabouço de crenças da época, **uma coisa não existia**. Quando os filisteus prendem a Sansão imaginam que ele perdera definitiva e permanentemente os privilégios que o pacto sagrado do nazireado lhe concedia

junto a divindade dos hebreus. Importante frisar que a origem sobrenatural da força de Sansão jamais foi questionada, após a revelação de sua origem. Por vinte anos Sansão fora somente um mistério. Os filisteus criam numa comunicação sobrenatural de poder, mas, não compreendiam o instrumento que concedia a Sansão tal potencia, porque ele não realizava nenhum tipo de ritual, não se privava de nenhum tipo de alimento, não interagia com os levitas e religiosos, não possuía aos seus olhos nenhuma ligação com o sacerdócio levita que conheciam. Ele não se aproximava da tenda ou da arca, não participava de cerimoniais ordenados por Moisés, não seguia absolutamente nenhuma prescrição da lei mosaica. Não havia na religião hebraica algo que pudesse subsidiar a resolução do mistério chamado Sansão. Quando Dalila expõe o coração de Sansão, finalmente os sacerdotes e versados em artes mágicas filisteus da época, viram, por assim dizer, a luz. Mas só compreenderam PARTE do mistério. No início do parágrafo é dito que dentre as crenças dos filisteus uma coisa não existia:

O perdão da divindade ofendida.

Uma vez quebrado o pacto com suas divindades, esse ato traria maldição eterna. Inimizade irretratável, irremediável. A quebra de um pacto com Dagon, Baal, Moloque, Astaroth, ou qualquer divindade canaanita era uma sentença de morte ou de abandono da pessoa que quebrou o pacto.



Por vinte anos Sansão foi cantado em verso e prosa. Suas histórias corriam de boca em boca, eram contadas nas adegas da antiguidade, conversas pelas mulheres nas rodas, comemoradas em danças. Retratadas em anéis, desenhadas em pedras e adornos de mulheres. O nome de Sansão viraria uma espécie de talismã. As crianças ouviam falar dos mitos e dos feitos e em sua imaginação representavam os feitos do guerreiro. Ele é virtualmente o primeiro super-herói da antiguidade. Não seriam poucas as celebrações de sua derrota. Creio que o momento mais propício para a apresentação de Sansão, do desfile da vitória filisteia, seria na inauguração do templo de Dagon. Um gigantesco empreendimento sustentado por inúmeras colunas, cuja nave principal, um teto suspenso, poderia abrigar sobre si pelo menos 2000 pessoas. Na parte interna do gigantesco santuário, um dos maiores do mundo antigo, caberia 2500 pessoas e nos átrios exteriores poderiam ainda transitar pelo menos 500 pessoas.



O preparo para as festividades levaria de semanas a meses. Haveria vinho em abundância, frutas secas, maduras e recém-colhidas, manjares e iguarias, carne e peixes. A alta hierarquia dos sacerdotes estaria ali presente, juntamente com os maiores nobres, governadores, prefeitos, administradores e mercadores, os chefes do exército, dezenas de dançarinas, convidados escolhidos a dedo para o evento. E ali estaria ela. A grande homenageada. Dalila.

Trazem Sansão guiado por um menino, que o ajudava nas tarefas diárias, até o grande salão. O que querem fazer com ele é uma imensa zombaria. Um dos costumes dos povos antigos, era as solenidades em que os derrotados eram

publicamente humilhados. A humilhação pública do inimigo realçava o poderio do império vencedor. É dito que os donos da festa querem trazer Sansão para “diverti-los”. Eles querem que ele dance. E o vestem de modo insultuoso. Como fora vencido por uma mulher, há uma grande possibilidade de que Sansão tivesse sido vestido de mulher. E não com vestes qualquer. Com as vestes de uma dançarina da festa. E o fizeram dançar de um lado para o outro no gigantesco salão.

Sansão não percebeu que o poder que lhe fortalecera a vida toda havia sido retirado dele no dia em que seus cabelos foram cortados furtivamente. O mistério do poder que ele exercia era relacionado ao voto de nazireado, um voto de consagração que se iniciou em seu caso, ainda no ventre de sua mãe. Os nazireus abstinham-se de vinho, de contato com os mortos, de corte dos cabelos, de uma vida que violasse as leis mosaicas, tal como se casar com uma mulher estrangeira. Não Sansão. Por toda sua vida um nazireu consagrado antes do nascimento viveu como se tal voto não existisse. Até que o último símbolo restante desta consagração foi literalmente, rompido. **Não há uma hierarquia entre os atos de conduta de um nazireu. Errar em qualquer disposição do voto significa anulá-lo.** No dia em que Sansão bebeu seu primeiro copo de vinho, ou quando tirou mel de dentro do corpo de um leão morto, seu voto foi ANULADO. Ou seja, no instante em que vemos Sansão indo de encontro ao leão morto, no início de sua história, **estamos contemplando horrorizados ao final de seu nazireado...**

Então o poder divino era exercido mesmo com o voto quebrado, por dezenas de anos. Porém, havia uma única coisa que Sansão guardou, o que impressiona pelo grau de incomodo. De todo o voto, ele só guardara para si uma única obrigação: Jamais cortar o cabelo. E o cumpriu fielmente por cerca de 50 anos.

Sansão colocou sua fé, e conectou em seu pensamento, no mais profundo de seu espírito, a manutenção do Poder ao ato de preservar sua longa cabeleira trançada. Sua alma dormia, mas seu espírito percebeu quando o cabelo foi cortado. Enfocando a questão da dualidade, mente e coração. Ou numa abordagem somente psicológica, equivaleria dizer que há coisas que nosso

consciente pode não perceber, que são percebidas de modo inconsciente, pelas camadas mais profundas de nossa psique.

A realidade espiritual mudara naquele dia, de modo trágico. Envolto em traição, após meses de intensa "perseguição", o coração de Sansão se quebrou. Dalila instigou-o por meses. Há na cena uma realidade espiritual autônoma, presente, uma atmosfera sufocante, uma operação maligna, o trânsito de uma multidão incontável de seres em cada palavra "encantada" da boca da que lhe trai



a.

Quando Jesus está para ser traído ele vê o momento em que Judas é "tomado" por um poder maligno.



Sansão até a presente data viveu momento de grande antagonismo. Viveu experiências de quase-morte centenas de vezes. Perdera de modo brutal a primeira mulher que amou, queimada viva por um grupo de filisteus ensandecidos. Mas, ao final de meses de uma "inquisição" por meio de alguém por quem nutria grandioso afeto, ele desmorona, o texto bíblico expressa que ele sente uma angustia tão grande, que fica a ponto de suicidar-se (a ponto de morrer). Havia algo mais na voz de Dalila, um poder desesperançador, uma força de desilusão. Uma palavra capaz de levar um homem a beira-da-loucura, um tipo de comportamento que gerava angustia e depressão, de modo proposital. Sansão não a deixara porque havia uma corrente que o amarrava a moça. Uma corrente invisível de afeto, ele era apaixonado por ela.



Dentro do santuário de Dagon podemos imaginar o encontro. Ou literal, ou insinuado entre o cego Sansão vestido de dançarina e sua algoz. Ao menos ele a escutou rindo. E reconheceu com nitidez a sua voz em meio à multidão de vozes e da intensa gritaria do gigantesco salão. São muitas as possibilidades.

O elo que ligava Sansão a Deus nunca foi seu cabelo. Por meses ele permaneceu em silêncio em relação a Deus. A leitura de Juizes nos leva a questionar, porque Sansão se resignara calado, porque não invocou ao nome do Senhor nos dias de sua prisão? Não lemos uma tentativa de reaproximação entre ele e o Senhor do nazireado, antes deste momento final. A culpa, o medo, a vergonha, não sabemos o que enchia o coração do antigo campeão nas noites de sua prisão. Mas aquele dia de humilhação plena mudou a alma daquele sujeito. Uma indignação profunda o inflamava. E um plano. Desde o início de suas atividades como Juiz de Israel, desde sua mocidade, uma tremenda inteligência era uma marca contínua de seu caráter. Em filisteu ele pede ao moço que o conduz para ser levado até as colunas que sustentam a todo o complexo religioso. Para que possa nelas se apoiar. Sansão está cercado de guardas que também ouvem o que ele disse. Estes acenam ao adolescente dando permissão para que ele possa se apoiar nas pilastras. A oração que Sansão faz é em língua hebraica, a maioria

não compreendeu o que ele estava pronunciando, feito em grande velocidade. Sansão é propositadamente resumido, lacônico. Não gasta palavras em vão, porque sabe que não podem desconfiar do que ele, na verdade, pretende. E que **não podem ter tempo de fazer nada** caso o que pretende realizar, dê certo.

Uma oração curta, 12 palavras, oração esta que não durou mais do que 10 segundos.

			אֲדֹנָי 'Adonay	1
			יְהוָה Yĕhovih	2
			זָכַר zakar	3
			חָזַק chazaq	4
			פָּעַם pa'am	5
			אֱלֹהִים 'elohiyim	6
			אֶחָד 'echad	7
			נָקַם naqam	8
			נָקַם naqam	9
			פְּלִשְׁתִּי Pĕlishtiy	10
			שְׁנַיִם shĕnayim	11
			עֵין `ayin	12

"Senhor (1), Deus (2) lembra-te! (3) Fortalece (3), a mim (4) Deus (5), uma (6) vez mais (7), vingue, vingue (8,9) dos filisteus (10), pelos dois olhos (11) meus (12)!"

Doze palavras que fazem a diferença entre a mais indigna humilhação e uma das mais extraordinárias proezas já realizadas no mundo.

Perceba que a oração de Sansão é **um pedido de vingança!** À primeira vista, a resposta divina, caso concedida, significaria a morte de 5000 pessoas! Há uma diferença entre perspectivas, ou expectativas, entre a perspectiva humana e a expectativa divina.

Doze palavras ditas por um cego, vestido de mulher, numa festa pagã, cuja repercussão era maior do que o ataque de um exército. Feitas por um homem que jamais viveu segundo uma vocação celestial, que jamais viveu segundo os votos e a responsabilidade a ele confiada. A aceitação da sua oração significava perdão divino a toda ofensa praticada e o reconhecimento da validade de um voto invalidado. Completa e totalmente destruído, na forma, no conteúdo, na essência, pelo executante!

E até a resposta da oração significava a morte de quem orava!

CONTUDO, o mistério que o templo de Dagon esconde não é a de *uma oração de vingança*, atendida, que destina um consagrado *desleixado* à morte. *E a perdição*, como mal interpretam alguns... Nem tão pouco configura sua derrota.

Sansão recebeu o que solicitou, *porque cria que era isso que poderia receber*. Ele não anseia continuar a viver como cego. Quer ser liberto daquela condição e não ora por um livramento. Sansão não quer continuar a existir naquela situação. Ele não faz somente uma única oração. Ele faz uma triste declaração juntamente com sua intercessão:

"Que eu morra com os filisteus!"

O mistério do poder de Sansão é uma operação da fé. Uma fé absurda, poderosa, transcendental. O escritor dos Hebreus (Capítulo 11) nos lega esse conhecimento milênios depois:

"... Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Pois foi por meio dela que os antigos receberam bom testemunho. Pela fé entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de modo que

aquilo que se vê não foi feito do que é visível... Que mais direi? Não tenho tempo para falar de Gideão, Baraque, Sansão, Jefté, Davi, Samuel e os profetas..."

A festa que celebra a vitória de Dagon é uma festa maldita. Seus convidados estão condenados. Condenados por uma mentira. Condenados por uma adoração a um deus incapaz de salvar. A doutrina que os filisteus seguem é marchar, dominar, conquistar. Sua doutrina será seguida pela Grécia, depois por Roma. OS filisteus eram denominados como "povos do mar" pelos antigos egípcios. Especializados em conquistar, saquear, pilhar. Tróia, de onde saíram seus antepassados, não foi incendiada à toa. Sua filosofia de conquista inspirou aos fenícios. Aos cretenses e posteriormente aos gregos. Os sobreviventes se espalharam por portos do novo mundo. As grandes navegações europeias e a colonização africana, espanhola, portuguesa, holandesa e inglesa, bebe nas fontes de idêntica filosofia, semelhante a que inspirava aos adoradores de Dagon. O colonialismo ainda deixa marcas de pobreza e usurpação em vários continentes. Não era de modo algum um grupo de pessoas inocentes. Era ainda o início de uma guerra que extinguiria a vida de centenas de milhares de indivíduos, e ali estava representado todo o alto comando do exército filisteu. A celebração da vitória era um interlúdio para o próximo ataque as aldeias de Israel.

Sansão deixa que sua indignação reacenda sua fé, sua força, o poder sobrenatural que lhe deu condições de ser guardião de seu povo por 20 anos. Foram vinte anos de paz, vinte anos em guerra. E essa era a oportunidade de findar uma guerra centenária.

A resposta divina significa relevar a quebra do voto, e confiar a um homem indigno o poder celestial, para uma última vitória. Havia o perdão incluído na resposta. E junto da resposta divina um JUIZO. UM JULGAMENTO.

O mistério da resposta divina é um JUIZO.

Naquele instante pelo ato de indignidade contra um Ungido, contra um Enviado, contra um Emissário, contra um SERVO, contra um NAZIREU, que eles CEGARAM, ESCRAVIZARAM e ZOMBAVAM, Deus exerceu seu juízo. Havia um nazireu, um HOMEM SANTO, um CONSAGRADO, um SEPARADO, alguém que desde antes do

seu nascimento recebeu uma ORDENAÇÃO, sendo desprezado, rido, humilhado. Não era contra Sansão somente a ofensa cometida. Ao introduzirem um NAZIREU no templo de DAGON eles estavam colocando algo que pertencia A DEUS, num lugar de demônios.

O mistério da resposta divina é um ato de JUSTIÇA.

Um Nazireu era similar a um sacrifício, uma oferta santificada, um castiçal colocado no tabernáculo. Uma vez oferecido a Deus, a ele pertencia e somente ele tinha PODER ou DIREITO sobre tal objeto. Ou pessoa. No momento que Sansão intercede ele RETOMA sua posição, ele É diante de DEUS tudo aquilo que ele representa e nasceu para ser.

E o poder manifesto realiza JUIZO e JUSTIÇA. O juízo divino naquela ocasião significou que o tempo de vida de todos ali presente, terminara. E a justiça de que Sansão seria TOMADO DE VOLTA, retirado da POSSE e do poder filisteu. Ainda que morto.

As doze palavras *do cego* mudaram sua vida. Há um mistério na fé de Sansão difícil de compreender. Era IMEDIATO. Não havia hiato, tempo de espera, necessidade de amadurecer, oração a posterior, repetição, ou DUVIDA.

O poder volta a Sansão, e ele exerce mais força do que em todos os feitos assombrosos de toda sua vida. São cerca de 40 toneladas de força, vinte para cada braço, partindo o piso onde se apoia, rompendo as colunas num único empuxo, detonando as principais colunas e levando ao colapso em série de mais vinte colunas, na primeira implosão sem explosivos bem-sucedida da história. E significava o final de um tempo sem respostas. Significava que ainda que ainda que incapacitado parcialmente, a provisão divina não fora diminuída pelo esmaecimento de seu corpo. Significava que não seria nunca mais cantado o cântico da vitória sobre sua vida. O canto de adoração pela morte de Sansão jamais foi emitido ou composto. E o cântico de vitória pela sua captura cessou para sempre naquela noite. Sansão resgatava a honra de seu nome, a vergonha de sua família, e vingava definitivamente seu primeiro grande amor, a menina

que um dia amou e que fora morta por pessoas que ainda viviam, e que estavam ali presentes, naquele santuário, naquele instante.

E tinha um acerto de contas com certa pessoa. Dalila.

Dalila morreu, certamente, naquela noite espantosa quando um homem transtornou as leis da física, ignorou as da biologia e riu de todos os levantadores de peso cujos recordes jamais seriam pareo para os seus. Sua morte está subentendida na oração de Sansão. Ela é fora a maior responsável pela sua cegueira, em todos os sentidos. A vingança nos tempos bíblicos era significativamente de caráter PESSOAL. A Lei de Moisés refletia a necessidade de retaliação pessoal, personalíssima, diria um advogado, de quem cometeu a inflação. Essa situação se estendia aos assassinatos, ou mortes acidentais causadas por alguém, sem dolo. Mesmo que não houvesse a intenção de quem matou, essa pessoa deveria mudar-se para uma cidade denominada "cidade refugio" para não incorrer na vingança de um familiar "vingador de sangue" permitida nas legislações, se não, como realidade cultural da antiguidade.

Eu não resisti a completação desta parte. Tentei ser lacônico. Em vão.

Dalila exercitou-se, talvez, na primeira peça teatral da história. Ela age como exímia atriz, e se o OSCAR existisse na época, certamente ela seria uma das concorrentes com maiores chances. Dissimula uma paixão que não existe, age como uma adolescente cheia de mimos, depois se finge tomada de angustia e lamentação tecendo o motivo da falta de confiança em sua devoção, em seu amor não fingido. Sua natureza é de uma espiã, de uma assassina profissional como a imortalizada nos filmes hollywoodianos. Sua natureza é avarenta, age determinada a enriquecer em busca de uma quantia de dinheiro prometido que seria para uma mulher da época, mesmo para uma rainha, uma soma inquantificável. Não há indicação de sua profissão anterior, ou sua posição na sociedade da filisteia, porém seus dotes de atriz a aproximam das casas de prostituição da antiguidade, seus estratégias ao papel de uma mulher da alta sociedade e a necessidade de uma interação com o mágico, o assombroso, o sobrenatural manifesto na vida do guerreiro, nos conduzem a crer que era uma

sacerdotisa ou uma feiticeira. Os papéis desempenhados pelas prostitutas da antiguidade envolviam serem peritas em dramatizações, conhecedoras de artes, musicistas, cantoras e exímias dançarinas. As Escrituras evocam a cena de uma prostituta entoando uma canção e tocando sua lira ao redor de uma cidade sitiada, numa profecia. Como sacerdotisa a prática de rituais diversos exigia a representação dos papéis das divindades femininas, de danças proféticas, como se tomadas em êxtase, e dramatizações para interpretar sonhos, revelações, invocar maldições e bençãos. Tendo em vista que o assunto necessitava a participação de alguém que tivesse uma “missão dedicada a DAGON”, imagino que ela foi CONSAGRADA a esse trágico papel. O papel teatral que a consagrou como traidora, foi fruto de uma consagração divina, para desconsagrar um consagrado. Por isso o voto neste estudo de que se tratava de uma sacerdotisa. Sua presença é um motivo essencial na festa de Dagon. E porque DALILA jamais iria faltar a esta festa macabra. Seja em virtude das extensas homenagens, seja porque toda a ELITE da filisteia ali estaria presente, seja porque poderia praticar bullying com Sansão por uma última vez. Nesse período da história o sacrifício humano às divindades pagãs de outrora era quase uma REGRA, nos eventos decisivos das nações. Poucas nações não realizavam sacrifícios humanos, costume generalizado que contaminava a todas as nações que habitavam a Palestina, nome que foi herdado de FILISTINA. A festa de dedicação do templo de Dagon aguardava um sacrifício humano. E Sansão deveria ali, provavelmente, ao findar do evento, ser sacrificado. Dalila fora para zombar pela última vez do guerreiro enganado, sem a chance de ser vitimada. cercada por guardas, príncipes, serviçais e sacerdotes.

Gostaria que o leitor imaginasse a cena de Dalila se aproximando e sussurrando um último desafio, uma última ofensa, ao homem traído, provavelmente vestido como uma dançarina ou algum enfeite ridículo. E depois caminhar se afastando, rindo, talvez com um cálice do melhor vinho filisteu em suas mãos.

Então certamente Dalila estava lá, quando o templo desabou.

O mistério da aceitação de Sansão, do perdão divino, da misericórdia divina para com aquele homem estava além de qualquer compreensão religiosa da época. O

comportamento de Javé era uma estância, um domínio de Graça que não compreendiam. Quando Jesus morreu a estrutura da Morte e o Hades foram abertos.

O Seio de Abraão deixou de existir. Entre os espíritos presentes estava **alguém** conhecido por nós. Nos céus nós o conheceremos.

Porque a morte de Sansão é na verdade o seu chamado para apresentação na eternidade. Coisas consagradas a Deus, como já dito até aqui, pertencem a Ele. O que não tinha dito é que PERTENCEM A ELE,

PARA TODO O SEMPRE.

Não são poucos os mistérios que ficaram escondidos sobre os destroços do templo de uma antiga divindade chamada Dagon.

A tribo de Dã habitou no porto de Jope de se especializou na construção de navios. Ela foi se afastando gradualmente do contato e mesmo da religião das tribos irmãs. Deborah, profetiza em se cântico que nos tempos da guerra contra Sísera a tribo de Dã não socorre as outras tribos, apesar do pacto militar que possuíam. Os Danitas conquistam ou habitam partes costeiras, cada vez mais ao norte de Israel, navegam para ilhas como Creta, Minos, Anatholia, e até mais além. Partes da Grã-Betanha, Escócia, Dinamarca – cujo antigo nome significa estranhamente “ a marca/reino de Dã”, (Em nórdico antigo , o país era chamado Danmørk, referindo-se à Marcha de Dã, ou Marcha Dinamarquesa. O nome do território é fruto da marcha/movimento dos exércitos do império franco e dinamarquês em guerra na idade média). Os nomes latino e grego antigos da Dinamarca é **Dania** - Segundo a lenda popular, o nome Dinamarca , refere-se ao mitológico rei Dã. Há também uma série de referências a vários povos *Dani* na Escandinávia, em outros lugares da Europa, na Grécia Antiga e relatos romanos (como os de Ptolomeu, de Jordanes e de Gregório de Tours), assim como em algumas literaturas medievais (como Adão de Bremen, Beowulf , Widsith e Edda Poética). Os registros linguísticos e antropológicos desde Lais ou Laish, primeira cidade conquistada pelos Danitas, indicam os símbolos e as histórias que uma das tribos que comporá a nação grega deixou. Os danoi, dani, ou daneus eram

conhecidos e citados pelos antigos historiadores gregos como um dos povos FORMADORES da Grécia antiga. E é deles que os gregos herdaram contos, tradições e HÉRACLES em grego e Hércules em romano. O heroísmo era uma das marcas que moldou o caráter de inúmeras gerações de jovens gregos. E Héracles, Glória ao nome de Hera (Heroína/Amada), é praticamente uma releitura, uma adaptação da assombrosa história de Sansão, em hebraico, pequeno sol. Os Danitas entoaram *odes*, ao seu maior herói e destas canções, centenas de anos passados, templos seriam erguidos ao herói hebreu, agora com vestes gregas, já com status de filho dos deuses, Zeus e Alcmene, *a sábia*, o único homem-deus conhecido da mitologia grego-romana.



Wellington Corporation.

Again